



A. Estado, Poderes e Sociedade

B. Estruturas Produtivas, Trabalho e Profissões

C. Educação e Desenvolvimento

D. Território, Ambiente e Dinâmicas Regionais e Locais

E. Cultura, Comunicação e Transformação dos Saberes

F. Família, Género e Afectos

G. Teorias, Modelos e Metodologias

Sessões Plenárias

Contributos Sociológicos para a Análise e Definição de Qualidade Residencial

Maria João Freitas^{*}, Marluci Menezes^{**}, António Baptista Coelho^{***}

Resumo

A presente comunicação pretende dar conta de um trabalho interdisciplinar entre as ciências sociais (sociologia, geografia, antropologia e arquitectura) e as ciências da construção (engenharia), na análise da qualidade residencial de empreendimentos habitacionais. Será dado particular enfoque à preparação metodológica das grelhas analíticas e estratégia utilizada na construção dos protocolos de recolha de informação e organização do trabalho de campo.

Introdução

A necessidade de encarar, na abordagem da qualidade residencial, os espaços construídos como espaços que envolvem outras dimensões para além da dimensão física, têm motivado uma reflexão sobre os contributos sociológicos para a análise e definição da qualidade residencial, e sobre o tipo de trabalho interdisciplinar possível e desejável entre as ciências da construção e as ciências sociais para o estudo desta matéria.

No quadro institucional do LNEC esta necessidade de desenvolvimento de uma perspectiva mais abrangente da qualidade tem dado lugar a trabalhos interdisciplinares que ensaiam a realização de estudos, de análise e de definição de qualidade residencial, que integram, para além da abordagem construtiva, arquitectónica e urbanística, a perspectiva dos seus residentes, nomeadamente a análise da sua satisfação residencial, sentimentos de bem-estar e dimensões simbólicas de uso e apropriação dos seus espaços residenciais. Esta preocupação data, no LNEC, desde os anos sessenta com os trabalhos pioneiros do Arqtº Nuno Portas e da Arqtª Maria da Luz Valente Pereira, e tem merecido um interesse mais sistemático desde os finais da década de 80, através, inicialmente, da preconização de estudos disciplinares realizados em bairros degradados, bairros de realojamento e bairros populares alvo de políticas de reabilitação urbana. No entanto, estes estudos ganharam renovado impulso, já a partir de 1992, através de trabalhos interdisciplinares de análise de qualidade residencial, realizados sob orientação do Arqtº Antº Reis Cabrita, no Núcleo de Arquitectura, com a colaboração do Grupo de Ecologia Social, nomeadamente um estudo de análise de qualidade residencial num concelho da Área Metropolitana de Lisboa e outro de uma amostra de empreendimentos de Habitação a Custos Controlados ao nível nacional.

Do ponto de vista teórico, apresenta-se-nos como fundamental a necessidade de se analisarem os comportamentos e as dinâmicas sociais em estreita relação com o meio ambiente (social, cultural, psicológico e espacial) em que se desenvolvem, utilizando uma *perspectiva transaccional* (Altman e Rogoff, 1987) que aborda as relações comportamento/meio como eventos, ou seja, como compostos múltiplos de aspectos psicológicos, temporais e ambientais. Muito resumidamente, esta perspectiva parte da premissa de que da confluência de pessoas, espaço e tempo emergem compostos de múltiplos aspectos que simultânea e conjuntamente definem o **todo** de relações entre processos, actividades ou pessoas fazendo coisas e o meio ambiente físico, social e

[1]

cultural em que estes se inscrevem.

Neste sentido, o desafio teórico que se coloca à sociologia para a análise e definição de qualidade residencial, prende-se sobretudo com a sua capacidade de contribuir para a definição de **esquemas analíticos e metodologias de trabalho** que permitam compreender, de forma holista,

os processos de construção, desenvolvimento e vivência dos espaços residenciais, através das interações que com eles estabelecem os seus residentes.

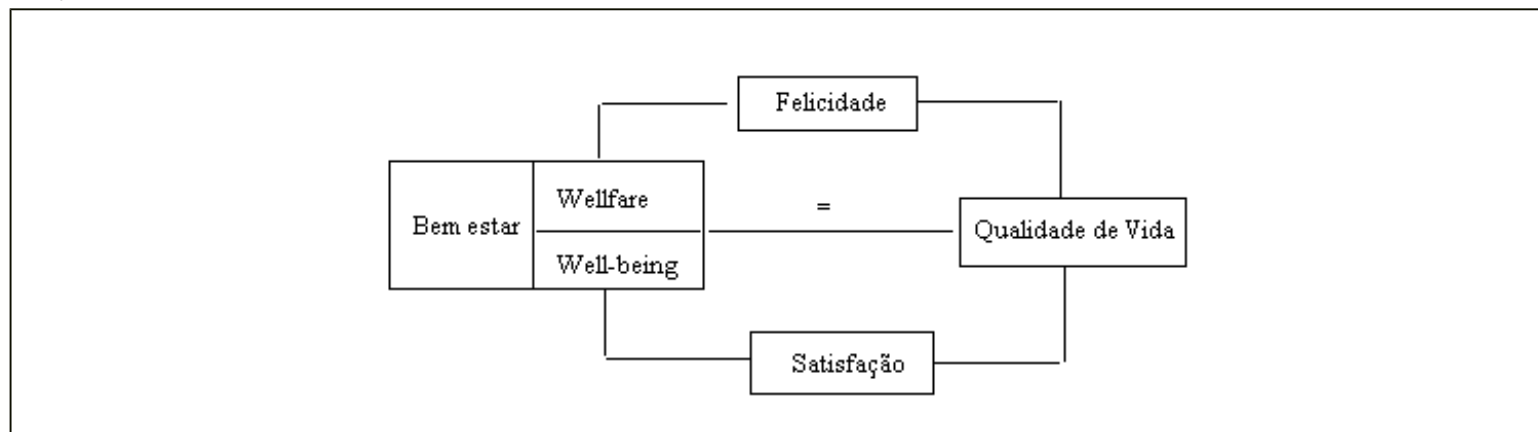
Bem-estar, felicidade, satisfação e qualidade

A maior parte dos estudos sobre a relação entre comportamento/meio para além de visarem o aprofundamento da compreensão desta relação, acabam por se orientar, igualmente, para a provisão de elementos susceptíveis de contribuir para o melhoramento dessa mesma relação, o mesmo será dizer, para a melhoria da qualidade de vida dos indivíduos. Neste sentido estes estudos acabam por apresentar alguma complexidade nos factores com que acabam por trabalhar nas suas análises, factores esses que remetem para os contextos físicos, sociais, simbólicos, culturais, temporais e mesmo psicológicos em que se desenvolvem quadros de necessidades e valores que balizam as avaliações dessa mesma qualidade de vida.

Quando se aborda esta relação entre comportamento/meio, o conceito de **qualidade de vida** não é o único a ser utilizado, sendo frequente, e por vezes indiscriminadamente, acompanhado por outros conceitos como, por exemplo, o de **bem-estar**, **satisfação** e **felicidade**.

Figura 1

Relação de conceitos relativos à Qualidade de Vida



in Maria Amerigo, 1995, p. 22

Segundo Maria Amerigo (1995), a distinção entre estes conceitos poderá remeter sobretudo para uma questão de perspectiva (cf. Figura 1): os conceitos de bem-estar (*welfare*) e qualidade de vida são sobretudo utilizados numa perspectiva macrosocial, filosófica e política quando remetem para processos de socialização da felicidade; enquanto que estes mesmos conceitos são utilizados numa perspectiva mais subjectiva quando remetem para a satisfação em função de necessidades ou operacionalização de aspirações (*well-being*).^[2]

Satisfação: um indicador subjectivo de qualidade

O conceito de satisfação, nesta perspectiva, apresenta-se então como um **indicador subjectivo de qualidade** e **bem-estar**, na medida em que remete para domínios como o da identificação, equacionamento e posicionamento relativo de necessidades, aspirações, preferências, percepções, crenças, valores, atitudes e afectos; para além de subentender a existência de processos dinâmicos adaptativos aos contextos e aos momentos em que essa mesma satisfação se define, manifesta ou actualiza.

Enquanto indicador subjectivo, a sua abordagem remete para um dos problemas mais comuns, mas nem por isso mais fáceis de gerir, das ciências sociais que consiste em lidar com a objectividade versus subjectividade dos fenómenos que se propõe estudar. Ora se é conhecida a dificuldade que as ciências sociais enfrentam na identificação de indicadores sociais, enquanto instrumentos de observação e medida das realidades que pretende estudar ou caracterizar, o desafio de operacionalização de indicadores que remetem nitidamente para factores subjectivos, assume dificuldades acrescidas, na medida em que remete para estados afectivos e respostas emocionais. Mas, concomitantemente, a utilização deste conceito torna-se necessária e imprescindível, na medida em que se posiciona como uma das componentes essenciais para a avaliação de qualidade e de bem-estar, numa perspectiva ampla.

Desafios às ciências sociais

Se nos centrarmos agora concretamente sobre a problemática da Qualidade do *Habitat*, e se retomarmos a exigência teórica de abordagem transaccional da relação comportamento/meio, o desafio que se coloca às Ciências Sociais consiste sobretudo na capacidade de fornecer uma resposta, no âmbito dos seus quadros teóricos, analíticos e metodológicos, às seguintes questões que se podem colocar:

- Quais as dimensões de estudo com que as ciências sociais podem contribuir para o campo de análise e avaliação da qualidade residencial?
- Como operacionalizar, observar, medir e analisar essas dimensões?
- Como consolidar os interfaces de análise e avaliação técnica tradicionais (construtiva, arquitectónica e urbanística) com a análise proveniente do trabalho dos cientistas sociais?
- Como potenciar este “casamento” numa abordagem mais holista da qualidade residencial?

Numa tentativa de abordagem destas questões, tomaremos como referência uma experiência de trabalho interdisciplinar de análise e avaliação da qualidade residencial realizada no LNEC em 1994/95

[3] que procedeu à análise de 12 empreendimentos de Habitação a Custos Controlados financiados entre 1985 e 1987. Este estudo será aqui utilizado como ilustração das dificuldades e desafios com que estudos deste tipo se podem confrontar, uma vez que, desde logo, este estudo se demonstrou muito exigente ao nível:

- de uma grande precisão das dimensões analíticas utilizadas pelas ciências sociais na abordagem da qualidade residencial que acabou por reverter num esforço de selecção e operacionalização de variáveis (importava passar de estudos mais monográficos em torno das questões da satisfação residencial e do uso e apropriação dos espaços, para a construção de indicadores a incorporar em estudos que não se centralizem unicamente nestas temáticas);
- de uma grande precisão metodológica, através da construção de instrumentos simples que permitam uma maior objectivação na abordagem destas dimensões que, como foi referido anteriormente, têm a particularidade de apresentarem uma natureza sobretudo subjectiva;
- de um grande esforço analítico e interpretativo uma vez que, para além de medir e caracterizar as dimensões seleccionadas, importava desenvolver um saber técnico que se mostrasse pertinente para a análise e definição da qualidade residencial, de forma holista.

Dimensões de estudo: quais as dimensões de estudo com que as ciências sociais podem contribuir para o campo de análise e avaliação da qualidade residencial?

Independentemente do grau de profundidade e complexidade que se pretenda atingir com as análises de qualidade residencial em situação de pós-ocupação (APO) realizadas com o contributo das ciências sociais, existem duas dimensões de análise cujo desenvolvimento se tem vindo a afirmar como fundamental, e que têm vindo a ser privilegiadas nos estudos interdisciplinares supracitados:

- (i) a caracterização das estratégias de uso e apropriação do *habitat* por parte dos residentes, e
- (ii) o estudo da satisfação residencial desses residentes.

Apontamentos sobre a abordagem do uso e apropriação do habitat

No seguimento dos pressupostos da perspectiva transaccional com que introduzimos este texto, os cenários residenciais, e nomeadamente os cenários domésticos, podem ser encarados como unidades transaccionais ou *eventos*, na medida em que reflectem valores culturais e normas sociais relativamente às identidades pessoais e sociais dos indivíduos e se apresentam como contextos fundamentais de análise e compreensão de processos de continuidade e transformação, ou mudança. Aliás, Werner, Altman e Oxley (1985) são bastante explícitos em afirmar que “as pessoas estão ligadas às suas casas através de processos contínuos de mudança” (p. 6), mas que também “a casa é um lugar de continuidades que atravessa o passado, o presente e o futuro

[4]

em muitas sociedades ao nível individual, familiar ou grupal (p. 8). Neste sentido estes autores apontam precisamente a mudança e a continuidade como aspectos essenciais das transacções indivíduo/meio realçando como tópicos de estudo importantes” os mecanismos através dos quais os indivíduos e culturas contrabalançam a continuidade e a mudança (p. 9).

Deste modo os contextos domésticos (a casa) reflectem “o modo como as culturas e os seus membros têm de conviver e se relacionar com dialécticas de oposições comuns, nomeadamente, necessidades individuais, desejos ou aspirações e motivações versus as exigências e solicitações da sociedade no seu todo. As forças individuais relatam as tentativas dos indivíduos em serem únicos e distintos — independentes e livres da influência dos outros. Estas forças estão associadas com a sua satisfação, ou da sua família ou de grupos de referência primários. Ao mesmo tempo, estas forças operam no sentido de tornar os indivíduos parte integrante da sociedade; de facilitar a sua identificação com a comunidade e aumentar a sua capacidade de nela intervir e

dela depender” (Altman e Gauvain, 1981, p. 287).^[5]

Basicamente nesta perspectiva os espaços domésticos, são encarados como espelhando “*uma vasta variedade de influências ambientais e culturais*”(Altman e Gauvain, 1981) e conceptualizados como “*unidade inseparável de lugares e processos psicológicos e sociais que apresentam*

diferentes qualidades de mudança (Altman e Rogoff, 1987, p. 31).^[6]

O processo transaccional da casa apresenta-se como ocorrendo ao nível da *acção* e dos *significados* (Altman e Werner, 1985) sendo identificados três processos gerais, que envolvem a dimensão humana, espacial e temporal, em que os indivíduos estão ligados à casa (Werner, Altman e Oxley, 1985): o processo das regras sociais e das relações de sociabilidades;^[7] o processo das

atribuições de uso; e o processo da apropriação, *attachment* e identidade.

É com base nesta perspectiva de abordagem teórica dos espaços domésticos que surge como fundamental a eleição da dimensão do uso e apropriação dos espaços, na medida em que esta se apresenta:

- como uma dimensão de vivência de qualidade habitacional — porque ao congregar múltiplos aspectos, espelha a ligação necessária entre atributos físicos do espaço, práticas culturais de uso e valores simbólicos de apropriação, e
- como uma dimensão dinâmica — porque é susceptível de revelar os processo de construção e desenvolvimento destas ligações no tempo.

Apontamentos sobre a abordagem da satisfação residencial

O estudo destas temáticas começou a ser introduzido nas análises da sociologia urbana desde a Escola de Chicago, sobretudo através da linha de trabalhos sobre as diferentes manifestações de vida social em meio urbano, sobretudo centrados no estudo de bairros degradados e seu posicionamento simbólico e social relativamente aos contextos em que se inscreviam.

Nos **anos 60** estes estudos ganharam um novo fôlego, nomeadamente na sociologia europeia, através:

- da proliferação de variadíssimos estudos sobre contextos residenciais (nomeadamente contextos residenciais degradados), em que a temática da satisfação residencial foi desenvolvida conjuntamente com outras frentes analíticas, tais como: **a)** o estudo das redes de sociabilidade, **b)** do desenvolvimento de identidades locais, **c)** dos percursos residenciais, **d)** do uso, apropriação e desenvolvimento de afinidades com o *habitat*, **e)** dos mecanismos de controlo social e **f)** do desenvolvimento de sentimentos de segurança/insegurança residencial e urbana;
- de trabalhos que visavam a contraposição de resultados decorrentes de avaliações técnicas com os resultados das avaliações das populações;
- de tentativas de definição de cenários residenciais e explicitação de diferenças e comunalidades entre eles, com incidências sobre a problemática da segregação socioespacial.

Nos **anos 70 e 80**, esta produção de estudos de caso abrandou, para dar lugar sobretudo a trabalhos de consolidação teórica deste vastíssimo campo de conhecimentos que visava o estudo das relações comportamento/meio como uma entidade integrada e complexa.

Desde os finais dos **anos 80** até à actualidade tem-se registado sobretudo um grande investimento na exploração metodológica destas dimensões, em resultado quer de um certo amadurecimento destas problemáticas e de um alargamento dos seus campos de abordagem, quer de uma manifestação de interesse mais generalizada na operacionalização e utilização destes indicadores na abordagem da qualidade do *habitat*.

Durante estes anos de exploração das problemáticas da satisfação residencial, várias têm sido as perspectivas de abordagem e grandes os avanços em termos de:

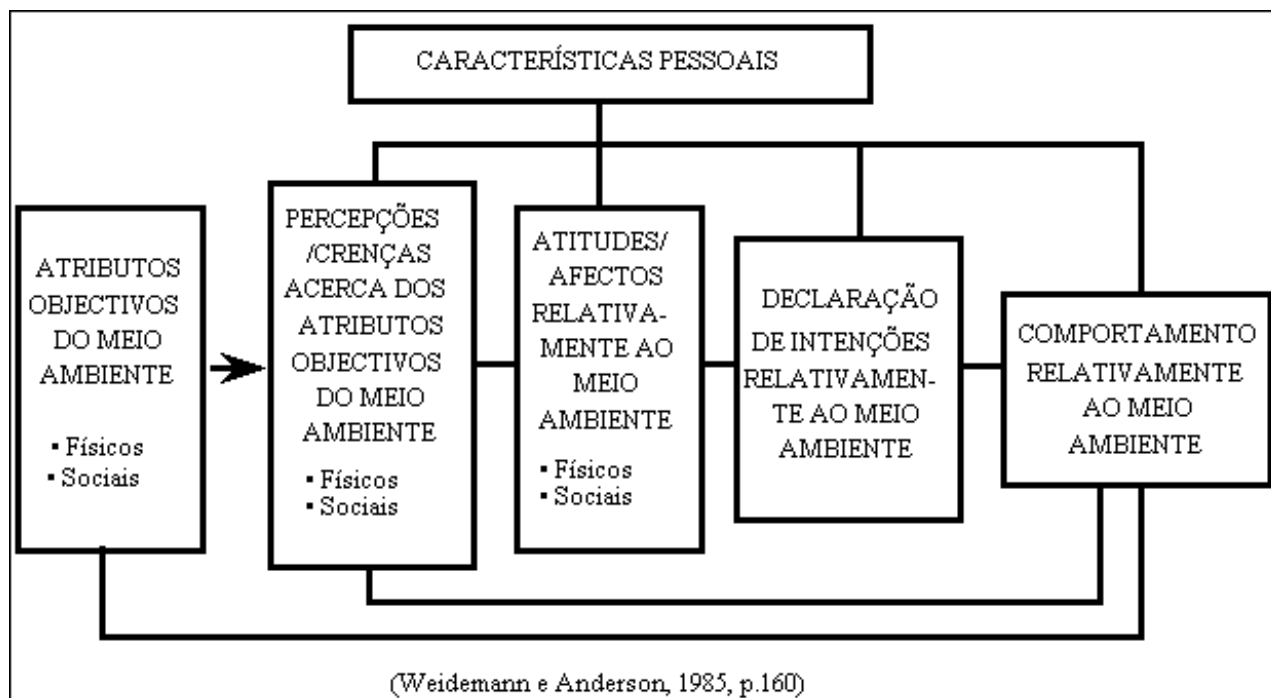
- aperfeiçoamento de modelos de análise e sistematização de preditores de satisfação residencial, sobretudo ao nível da definição do conceito, da proposição de modelos teóricos e modelos compreensivos — que entre outros factores têm contribuído para o enquadramento da satisfação como critério de avaliação de qualidade residencial, a identificação de preditores de satisfação

e a utilização do próprio conceito como preditor de condutas sociais — e^[8]

- desenvolvimento de técnicas e metodologias de avaliação de contextos residenciais e habitacionais
- nomeadamente identificação e construção de indicadores e índices de avaliação de qualidade percebida, escalas de satisfação, montagens de esquemas de inquirição e metodologias de avaliação pós-ocupacional.

Figura 2

Modelo Conceptual Integrado de abordagem da Satisfação Residencial



Relativamente ao modelo de referência para a análise da satisfação residencial, aquele que tem vindo a ser utilizado como referência básica, muito embora consoante os objectivos dos estudos empreendidos possa ter vindo a ser desenvolvido num ou noutro aspecto mais específico, é o *Modelo Conceptual Integrado* de Weiderman e Anderson (1985), que ao demarcar-se de uma perspectiva mais causal que tinha dominado modelos anteriores, introduziu uma maior capacidade de abordagem do dinamismo e complexidade dos processos ao admitir uma transaccionalidade pluridireccional entre as diferentes componentes da satisfação consideradas (cf.

[9]

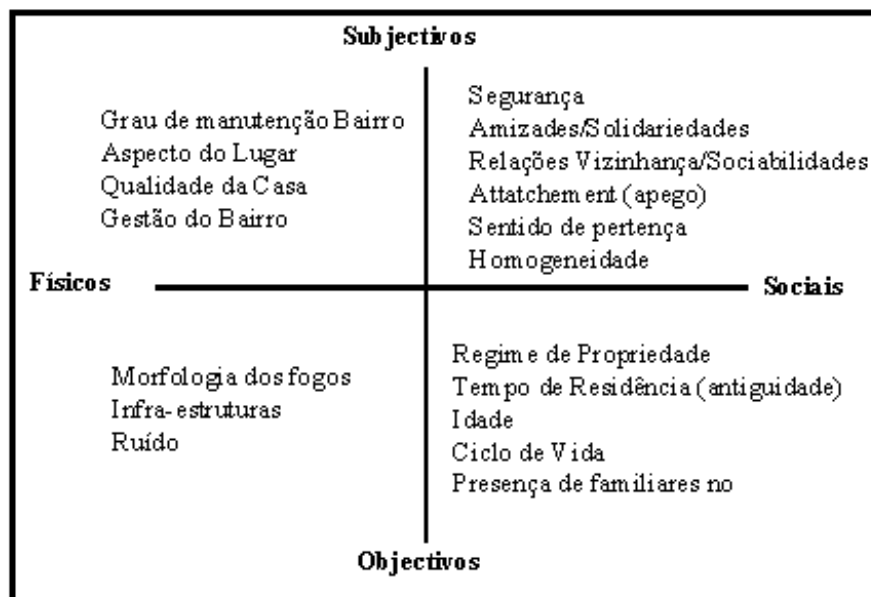
Figura 2).

Este modelo mostra claramente a natureza subjectiva deste fenómeno, mas ao considerar dimensões passíveis de uma maior objectivação, deixa em aberto a possibilidade de construção de cenários preditivos da sua manifestação e desenvolvimento. Tendo por base este modelo teórico de abordagem, fácil será, então, perceber o quão profícuo ele se pode manifestar, uma vez que várias podem ser as perspectivas de abordagem em função do ênfase que pode ser dado às diferentes dimensões enunciadas e, conseqüentemente, múltiplas as variáveis a considerar e diversos os graus de profundidade que se podem pretender ou aspirar desenvolver.

Com base no desenvolvimento e aplicação deste modelo de análise a múltiplos estudos por diversos autores, Maria Amérigo (1995) propõe uma síntese de alguns preditores de satisfação residencial, que congrega precisamente variáveis de diferente natureza, e que a autora sistematiza em função da intercepção de dois vectores: um vector que contrapõe preditores de carácter subjectivo a outros de carácter objectivo e um outro vector que contrapõe preditores de carácter físico a preditores de carácter social (cf. Figura 3).

Figura 3

Preditores de Satisfação Residencial



(in Américo, 1995)

Esta síntese de preditores revela, uma vez mais, a complexidade da análise e avaliação da satisfação e simultaneamente constitui um quadro de referência para a utilização deste conceito como indicador de qualidade, uma vez que pode ser considerado como um *espelho qualitativo* de dimensões mais objectiváveis, ao conjugá-las com dimensões mais subjectivas de percepção e vivência dessas outras dimensões.

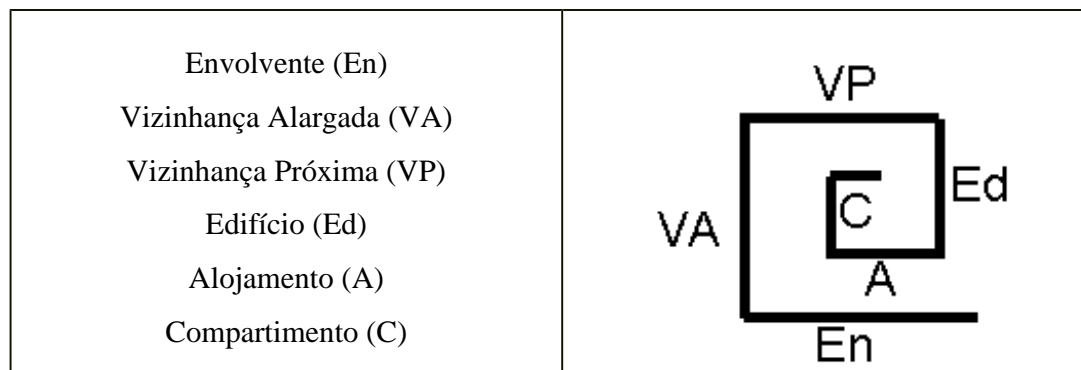
Os interfaces de uma análise interdisciplinar: como consolidar os interfaces de análise e avaliação técnica tradicionais (construtiva, arquitectónica e urbanística) com o contributo das ciências sociais?

Para além da identificação das dimensões analíticas com que as Ciências Sociais podem contribuir para a abordagem da problemática da qualidade residencial, e como foi anteriormente referido, um dos desafios que se lhes coloca é a definição de modalidades expeditas da sua abordagem ao serviço de um objectivo mais amplo que é o da análise e avaliação da qualidade residencial. Ou seja, não se trata de abordar estas dimensões em si, mas em encontrar esquemas de operacionalização que permitam delas retirar mais-valias para um objectivo e objecto de estudo mais amplo.

Neste sentido importa, em primeira mão, identificar quais os factores de avaliação e os patamares de análise mais pertinentes que uma abordagem da qualidade residencial implica, para em função deles, objectivar e seleccionar estratégias de observação, medidas e análise no tratamento destas duas dimensões escolhidas. Num estudo anterior Baptista Coelho (1993) considerou que a análise da Qualidade Residencial deve orientar-se em função de seis patamares que apresentam uma continuidade espacial funcional e simbólica interactiva (cf. Figura 4):

Figura 4

Patamares de Análise e Avaliação de Qualidade Residencial



(in Baptista Coelho, 1993)

Estes diferentes patamares, numa análise de qualidade, podem ainda, segundo Baptista Coelho (1993), ser avaliados em função de:

- Factores de Relacionamento (acessibilidade e comunicabilidade)
- Factores Espaciais (espaciosidade, capacidade e funcionalidade)
- Factores de Conforto (agradabilidade, durabilidade e segurança)
- Factores de Interação Social (privacidade, convivialidade)
- Factores de Participação e Regulação (adaptabilidade e apropriação)
- Factores de Aspecto e Coerência Residencial (atractividade, domesticidade e integração)

Se estes factores de avaliação foram, numa primeira mão, definidos com base na utilização de critérios arquitectónicos, suscitam agora uma reflexão de âmbito mais sociológico.

Uma das primeiras tarefas realizadas pela equipa de pesquisa interdisciplinar foi um recenseamento exaustivo de indicadores das diferentes componentes dos factores supracitados para os diferentes patamares de análise, segundo as várias perspectivas disciplinares em presença (arquitectura, engenharia e ciências sociais). Este recenseamento serviu sobretudo para a consolidação de quadros de referência e para sustentar um trabalho criterioso de sucessivas triagens e selecções desses indicadores, até se chegar a uma plataforma comum de variáveis e indicadores (problemática de estudo) que se revelaram como sendo os fundamentais a utilizar na análise a empreender.

A metodologia de construção deste interface interdisciplinar pressupôs assim um trabalho extraordinariamente exigente de consolidação e definição de cada contribuição e conteúdo técnico disciplinares dando, depois, lugar a um trabalho interactivo de reunião dos diferentes contributos, identificação dos elementos comuns e hierarquização dos mesmos no sentido de se identificarem diferentes níveis de aprofundamento e de se vir a seleccionar aquele que se revelava mais adequado aos propósitos do estudo em causa.

Obviamente que este trabalho interactivo e de criação de interfaces só foi possível graças a um esforço disciplinar para a construção de uma base de diálogo e entendimento entre as diferentes referências teóricas, metodologias e linguagens técnicas utilizadas, o que acabou por se apresentar como uma mais-valia para a prossecução de todo o estudo. Todo este trabalho de preparação do estudo acabou, assim, por ter repercussões óbvias na própria estratégia de recolha de informação, permitindo sinergias, quer na abordagem que se escolheu fazer no terreno, quer, posteriormente, na sistematização e análise das informações produzidas e disponíveis.

Assim, após a identificação dos conteúdos específicos das dimensões de análise:

- identificaram-se diferentes frentes de recolha de informação — documental, observação e inquirição;
- construiu-se uma bolsa de instrumentos de recolha de informação que tinham como pressuposto a sua complementaridade— Ficha de Identificação dos Empreendimentos; Fichas de Análise Documental (prévia e de pormenor); Organização de Percursos, de Recolha de Imagens e das Visitas a Fogos; Fichas de Observação Técnica; Guiões de Entrevistas (aos promotores, projectistas, interlocutores privilegiados e residentes); e Questionário a residentes; e
- organizou-se a recolha de informação da seguinte forma: contactos prévios formais com os promotores dos empreendimentos; solicitação prévia de documentação e análise dessa informação; organização das visitas aos empreendimentos (percursos na envolvente e no empreendimento; recolha e registo de imagens; reuniões com promotores e projectistas; visitas a fogos e entrevistas a residentes; distribuição do questionário; entrevistas a interlocutores privilegiados, análise e recolha documental de pormenor, preenchimento das Fichas de Observação Técnica).

O trabalho de interface, entre as diferentes valências técnicas do projecto, estendeu-se ao trabalho de campo que contou com a presença de todas essas valências e, quando a análise documental prévia assim o sugeria, designadamente face à ocorrência de patologias significativas, com a presença de especialistas em áreas muito específicas da construção.

Operacionalização, observação, medição e análise das dimensões: como operacionalizar, observar, medir e analisar as dimensões?

Como se pode depreender do que foi anteriormente exposto, o desafio de operacionalização, observação, medição e análise das dimensões e variáveis escolhidas para análise passou a ser, em sequência da lógica de interfaces prosseguida, uma questão que se colocava num quadro mais interdisciplinar do que exclusivamente disciplinar. Evidentemente que todo o esforço prosseguido neste sentido não deixou de criar alguns desafios à criatividade técnica sobretudo na capacidade de gestão de todo o esquema metodológico de recolha de informação que foi montado e posterior análise da informação recolhida, que importava ler segundo vários ângulos ou complementar segundo o seu estatuto (informação mais abrangente ou circunscrita; informação

de natureza mais quantitativa ou qualitativa; etc.).

Na impossibilidade de demonstrarmos detalhadamente as estratégias de montagem e gestão do trabalho de operacionalização, observação e medição de todas as dimensões seleccionadas para análise, retomaremos como exemplo apenas o trabalho realizado em torno das questões da satisfação residencial e do uso e apropriação dos espaços, uma vez que foram estas as dimensões que foram definidas como sendo aquelas onde as ciências sociais poderiam ter um contributo mais significativo a dar.

No tratamento destas duas dimensões poder-se-á dizer que se recorreu sobretudo a fontes de observação e de inquirição e que, em sequência desta opção, apenas não foram utilizados os instrumentos de recolha e análise documental disponíveis na paleta de opções instrumentais da estratégia de recolha de informação montada. A natureza da informação recolhida na abordagem das dimensões seleccionadas pode ser sistematizada na seguinte matriz:

Instrumentos utilizados Natureza da informação recolhida

<p>Fichas de Observação Técnica (preenchidas com base em percursos realizados no empreendimento e sua envolvente, em visitas a fogos e recolha de imagens)</p>	<p>uso, apropriação e manutenção dos espaços domésticos e colectivos relação entre os diferentes patamares de análise do ponto de vista funcional e simbólico identificação de marcos de referência funcional e simbólica nos empreendimentos observação da vivência quotidiana dos espaços do empreendimento levantamento de infra-estruturas, equipamentos e serviços disponíveis na zona de residência e envolvente</p>
<p>Guiões de Entrevista (junto dos promotores, interlocutores privilegiados e residentes)</p>	<p>identificação de vantagens e desvantagens de vivência no local (relações de vizinhança, solidariedades locais, sentido de pertença, conflitualidades, organizações formais e informais, relacionamento sociofuncional com a envolvente e contextos de referência, etc.) identificação de problemas em termos de uso e apropriação do espaço doméstico e residencial caracterização de equipamentos disponíveis, taxas de utilização e necessidades caracterização do processo de promoção, distribuição e gestão dos empreendimentos</p>
<p>Questionário (junto dos residentes — distribuído ao universo de fogos existentes nos empreendimentos em análise, continha perguntas fechadas e outras abertas, que serviram sobretudo de controlo às primeiras).</p>	<p>caracterização sociodemográfica da população residente caracterização do percurso residencial; motivações de escolha dos cenários residenciais em causa e grau de participação nessa escolha caracterização do fogo em termos de regime de propriedade, morfologia, dimensão, tipo de acabamentos, infra-estruturas básicas, anomalias, registo de acidentes domésticos, realização de alterações ou melhorias aplicação de uma escala de satisfação residencial. [10]</p>
<p>Questionário (cont.)</p>	<p>recolha de informação sobre factores de atracção e repulsa relativamente a alguns elementos dos empreendimentos caracterização das relações de vizinhança, dimensão das redes de vizinhança simbolicamente representativas, grau e tipo de envolvimento e participação na gestão do quotidiano, identificação e caracterização de situações de conflitualidade e segregação caracterização do uso e apropriação dos espaços domésticos e colectivos dos empreendimentos, relacionamento sociofuncional com a envolvente e contextos de referência, levantamento de necessidades e sugestões para diferentes patamares de análise</p>

Desafios a uma abordagem holista da qualidade residencial: como potenciar este “casamento” numa abordagem mais holista da qualidade residencial?

Pelo que foi possível apresentar, a complexidade dos fenómenos, e nomeadamente a da qualidade residencial, acaba por exigir um grande investimento em abordagens de natureza mais holista e, conseqüentemente, a utilização e aperfeiçoamento de quadros de referência analítica interdisciplinar e o desenvolvimento de metodologias expeditas que consigam uma operacionalização eficaz e eficiente desses quadros e que, neste sentido, se adequem com maior precisão à necessidade deste tipo de abordagem analítica.

Poder-se-á dizer que desta experiência de trabalho interdisciplinar para a compreensão, análise e avaliação da qualidade residencial ressalta sobretudo o esforço de conjugação dos diferentes conhecimentos disciplinares numa grelha de análise de referência, bem como a tentativa de construção de um esquema metodológico integrado comuns.

Obviamente que avaliamos este esforço como uma primeira tentativa de proposta de análise interdisciplinar para a abordagem destas questões e não podemos deixar de reconhecer que se trata de uma tarefa que necessita de ser ainda mais desenvolvida e aperfeiçoada nomeadamente em termos de:

- uma maior consolidação das grelhas analíticas,
- da sua abertura à introdução ou desenvolvimento de outras dimensões de análise,
- da precisão de níveis de profundidade de análise possíveis,
- do desenvolvimento de metodologias e técnicas em função desses níveis de profundidade analítica,
- da introdução de uma maior flexibilidade e dinamismo da sua aplicação a diferentes situações específicas, e
- de uma melhor resolução em termos produção de resultados de análises interdisciplinares.

As ciências sociais podem ter, sem dúvida, um lugar de charneira na concretização destes desafios, na medida em que dispõem de instrumentos teóricos e metodológicos já consolidados na abordagem de algumas das dimensões que uma abordagem deste tipo convida a introduzir na sua análise, e porque têm enraizada na sua tradição a necessidade de contextualizar os seus objectos de estudo e de abordar os fenómenos como *um todo*.

Sair das suas “quatro paredes” (se é que estas paredes têm alguma razão de existirem no âmbito das abordagens das ciências sociais) e enveredar pelo aperfeiçoamento de estratégias de abordagem interdisciplinar (mesmo com outras ciências mais “duras”, como, por exemplo, as da construção) acaba por se apresentar não apenas como um desafio, mas como uma exigência muito concreta dessa sempre legítima pretensão de poder contribuir para conhecer mais e melhor o que nos rodeia, e porque não, também, ter um contributo mais activo para o desenvolvimento e melhoria da própria qualidade de vida.

* Socióloga, Assistente de Investigação no Grupo de Ecologia Social/LNEC

** Geógrafa/Antropóloga, Bolseira de Investigação no Grupo de Ecologia Social/LNEC

*** Arquitecto, Investigador Auxiliar do Núcleo de Arquitectura/LNEC

[1] ALTMAN, I. e ROGOFF, B. (1987) — “*World Views in Psychology: Trait, Interactional, Organismic and Transactional Perspectives*” in D. Stokols e I. Altman, *Handbook of Environmental Psychology*, vol. 1, N. Y.:John Wiley and Sons, 1987

[2] Maria Amerigo (1995), *Satisfacción Residencial - un análisis psicológico de la vivienda y su entorno*, Ed Alianza Universidad, Madrid

[3] BAPTISTA COELHO, A.;FREITAS, M.J., FARIA, P.; REIS CABRITA, A.; PEDRO, J.B.; MENEZES, M., REIS, S.; LEÇA COELHO, A. - 1ª Análise Retrospectiva do Parque Financiado pelo INH nos anos 1985/87; Relatório 347/95 NA (confidencial)

[4] WERNER, C.M., ALTMAN, I. e OXLEY, D. (1985) — “*Temporal Aspects of Homes — A Transactional Perspective*” in I. Altman e C.M. Werner (Edts.) *Home Environments*, col. Human Behavior and Environment: Advances in Theory and Practice, vol. 8. Plenum Press, London, 1985

[5] ALTMAN, I. e GAUVAIN, M. (1981) — “*A cross-cultural and dialectic analysis of homes*” in L.S. Liben, A.H.Patterson e N. Newcombe (Edts.), *Spatial Representations and behavior across the life span*, Accademic Press, London, 1981

[6] ALTMAN, I. e ROGOFF, B. (1987) — “*World Views in Psychology: Trait, Interactional, Organismic and Transactional Perspectives*” in D. Stokols e I. Altman, *Handbook of Environmental Psychology*, vol. 1, N. Y.:John Wiley and Sons, 1987

[7] ALTMAN, I. e C.M. WERNER (Edts.) (1985) — *Home Environments*, col. Human Behavior and Environment: Advances in Theory

and Practice, vol. 8. Plenum Press, London

[8]

A este propósito ver sínteses de estado de arte in: Ornstein S. (1992) — Avaliação Pós-Ocupação do ambiente Construído, Edusp, col. Studio Nobel, S. Paulo; Freitas, M^a J. (1993) — Acções de Realojamento e Re-estruturação dos modos de Vida : um estudo de caso, Tese de Mestrado ISCTE (não publicado); Ornstein, S.; Bruna, G.; Romero, M. (1995) — Ambiente construído & Comportamento: A avaliação Pós-Ocupação e a Qualidade Ambiental, Ed. FUPAM, col. Studio Nobel, S. Paulo; Amerigo, M. (1995) — Satisfacción Residencial - un análisis psicológico de la vivienda y su entorno, Ed Alianza Universidad, Madrid

[9]

WEIDEMANN, S. E ANDERSON, J. R. (1985) — “A Conceptual Framework for Residential Satisfaction “ in in I. Altman e C.M. Werner (Edts.) *Home Environments*, col. Human Behavior and Environment: Advances in Theory and Practice, vol. 8. Plenum Press, London, 1985

[10]

Para a avaliação da satisfação residencial dos utentes dos empreendimentos em análise foi construída no âmbito deste estudo, uma escala composta por 80 ítems organizada em sete grandes grupos de indicadores: Alojamento (14 *ítems*), Compartimentos/Organização interna do Fogo (17 *ítems*); Edifício/Espaços comuns (13 *ítems*), Equipamentos (12 *ítems*), Área de residência e Envolvente (11 *ítems*), Vizinhança Próxima (8 *ítems*) e Promoção/Organização/Gestão do Empreendimento (5 *ítems*). Trata-se de uma escala ordinal de quatro pontos [1,4] que permite uma classificação de mau (1) até bom (4) de cada um dos ítems considerados. Esta escala, não obstante ter sido utilizada pela primeira vez no âmbito deste estudo, apresentou um elevado grau de consistência interna e fidelidade de medida quer para o total dos indicadores ($\alpha=.97$), quer para as diferentes dimensões consideradas: alojamento ($\alpha=.82$); compartimentos ($\alpha=.88$), edifício ($\alpha=.88$), equipamentos ($\alpha=.87$), empreendimento ($\alpha=.83$), vizinhança ($\alpha=.90$) e relacionamento com a autarquia ($\alpha=.85$). Esta escala tem vindo a ser aplicada noutros contextos com resultados igualmente muito positivos em termos de consistência interna e fiabilidade.